

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

18

INSCRIÇÕES 80-84



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1986

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

UN FRAGMENTO EPIGRÁFICO DE SANTA CRUZ DE MONCAYO (TARAZONA)

Foto 80

El documento epigráfico fue encontrado por José Manuel Led Huerta en el lugar conocido como La Cabaña (Santa Cruz de Moncayo), cuyas coordenadas son: Lat. N. $41^{\circ} 53'$ y Long. E. $1^{\circ} 55' 50''$, según hoja 320, 1:50.000, del Instituto Geográfico del Ejército⁽¹⁾. Pertenece al término municipal de Tarazona (Zaragoza). Actualmente se encuentra depositado en la sección de Arqueología del Centro de Estudios Turiasonenses, sito en los bajos del Palacio Episcopal de Tarazona.

El fragmento que ha llegado a nosotros tiende a rectangular, pero es insuficiente para que podamos precisar la forma exacta que tenía. Aun siendo escaso el campo epigráfico conservado se observan unas capitales cuadradas buenas. Apreciamos dos entalladuras paralelas, separadas entre sí por unos cinco centímetros, que limitan el campo epigráfico por su lado izquierdo.

Sobre el tipo de piedra podemos decir que se trata de una caliza marmórea, y que tal vez tuviera como posible procedencia la parte sur de la Sierra del Moncayo⁽²⁾.

(1) El lugar del hallazgo se encuentra cerca de la necrópolis romana de una villa en el término de Cabezolleros (cuyas coordenadas son Lat. $41^{\circ} 53' 10''$ y Long. E. $1^{\circ} 57'$, según hoja 320, 1:50.000 del Instituto Geográfico del Ejército) que se puede fechar alrededor del siglo II d. e.: cf. JAVIER BONA LOPEZ, *Sobre el «Municipium» de Turiaso en la Antigüedad. Estado actual de la cuestión*, en «IV Jornadas sobre el Estado Actual de los Estudios sobre Aragón», celebradas en Alcañiz del 26 al 28 de noviembre de 1981. Zaragoza, 1982. Por último cabría reseñar la posible existencia de una vía de comunicación que remontando el río Huecha uniría toda esta zona al pie del Moncayo, célebre en la antigüedad por su riqueza minera, con Bilibis: cf. M. A. MAGALLON, *La rede viaria romana em Aragón* (tesis doctoral, en prensa).

(2) El análisis petrológico efectuado por el Departamento de Petrología de la Facultad de Ciencias Geológicas de la Universidad de Zaragoza

Dimensiones: 13,5 × 31.

Campo epigráfico: 10 × 16,5.

[...] / LICIN[IVS] [...] / CORDV[S] [...] / [...]

Alt. letras: 3 a 4,5/5.

Licinius es gentilicio frecuente; *Cordus* ocurre en Jerez (CIL II 1305) e nel *conventus Pacensis* ⁽³⁾. Tan breve inscripción nos hace imposible precisar de qué tipo de lápida se trata. Teniendo en cuenta la grafía, y aunque sea un tanto arriesgado, es posible datar esta lápida romana alrededor del s. I d. e. ⁽⁴⁾.

CARMEN BARRIENDO ALIAGA



Foto 80

da como resultado que nos encontramos ante una caliza marmórea constituida por cristales de calcita que presentan gran dispersión en el tamaño de grano, desde grueso a fino, y óxidos de hierro entre los mismos. Se sugiere como probable procedencia el Cámbrico Inferior de la parte sur de la Sierra del Moncayo.

⁽³⁾ José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, n.ºs 290, 414, 625.

⁽⁴⁾ Aemilius HÜBNER, *Exempla Scripturae Epigraphicae Latinae*, Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 1885. Vemos cierta semejanza, en cuanto a grafía se refiere, con una lápida de Ilici (210) perteneciente al grupo de inscripciones de la época Augusto-Nerón (CIL II, 3555).

MONUMENTO FUNERÁRIO ROMANO DE RIBEIRA DE CIMA (PORTO DE MÓS)

Foto 81

O monumento foi descoberto, em finais de Julho de 1985, pelo sr. João Joaquim Fiel e seus filhos, António Esperança Fiel e João Manuel Esperança Fiel, quando lavravam um terreno situado no lugar de Desterro (Ribeira de Cima), freguesia de S. João Baptista, concelho de Porto de Mós. Encontra-se, presentemente, à guarda do referido senhor ⁽¹⁾.

Trata-se de um prisma quadrangular, feito em calcário semi-rijo, conhecido na região pela designação de «olho de sapo».

A face superior está trabalhada em «símbolo de dente» ⁽²⁾, ou seja, em telhado de duas águas, convergentes ao centro.

As faces anterior e laterais encontram-se aparelhadas, enquanto a posterior está apenas desbastada. Das faces aparelhadas, só a anterior contém inscrição. Os campos epigráficos são rebaixados em relação ao plano da face e limitados por uma ranhura e toro. Nestas três faces, no terço superior, existe um nicho, com gravações na parede do fundo: na da direita, duas circunferências; na da esquerda, uma coroa circular com dezasseis raios; na da

⁽¹⁾ Agradecemos a informação da descoberta, que nos foi transmitida por Carlos Rosa Vieira, vereador da Cultura da Câmara Municipal de Porto de Mós. Expressamos igualmente os nossos agradecimentos ao Sr. João Joaquim Fiel, pela gentileza e colaboração prestada.

⁽²⁾ Expressão usada pelo canteiro da região, Sr. Manuel Joaquim Martins, a quem também agradecemos a identificação da natureza do calcário.

frente, um rosto. Somente o nicho da frente está decorado perifericamente por uma faixa dividida por linhas paralelas. A periferia dos outros dois é sublinhada por uma ranhura em todo o perímetro.

A base está rudemente afeixoadada na sua quase totalidade, tendo apenas sido alisada na periferia, contendo ainda dois encaixes laterais.

Dimensões: $78,5 \times 31,5 \times 31,5$ cm.

Campo epigráfico: $40,5 \times 18,5$ cm.

CABVR/AE · PV/CI · FIO · I ·

Altura das letras: l. 1: 2,5/3 (VR = 2,5; C = 3); l. 2 e 3: 2,5/2,7. Espaços interlineares: 1: 1,2+0,6; 2 e 3: 0,7; 4: 25,6.

O texto foi cuidadosamente paginado, com utilização de linhas auxiliares duplas muito regulares e bem colocado na parte superior do campo epigráfico, a fim de facilitar a leitura. Pontuação triangular, correcta. Letras do tipo monumental quadrada, sendo de notar o A com barra incompleta (só do lado esquerdo), o R e o P abertos. O I final difere dos demais, ao apresentar barras muito acentuadas nos vértices: quererá o lapicida significar com isto que se trata de um numeral?

A leitura da inscrição não oferece quaisquer dúvidas. A única questão que se põe é a interpretação do seu final. F ou FIO poderão ser, numa primeira hipótese, a sigla ou a abreviatura da filiação; mas se F(*iliae*) é aceitável, FIO já oferece maior dificuldade. Se considerássemos, apesar de tudo, esta interpretação, I — porque nos parece claramente um numeral — seria a indicação da primogenitura ou da circunstância de ter sido a primeira a ser sepultada ali. Contudo, a existência de ossos poderá sugerir também que O esteja por O(ssa), como se encontra nalgumas inscrições. De qualquer modo, será difícil apresentarmos, de momento, uma interpretação satisfatória.

O texto refere, no entanto, dois antropónimos peninsulares já conhecidos: *Cabura* — cf. mapa apresentado por M. L. Albertos, «Actas del I Coloquio sobre lenguas e culturas prerromanas de

la Peninsula Iberica» (Salamanca, 27-31 de Maio 1974), Universidad de Salamanca, 1976, p. 76; ILER 369 e 5283 (= CPIL 748), CPIL 46 — e *Pucius* — CIL II 447 = ILER 4860, em Idanha; ILER 6249, da Galícia ⁽³⁾.

Pela simplicidade da epígrafe, pelo modo de identificação da defunta e pela paleografia, é monumento datável da primeira metade do século I da nossa era.

JOSÉ BEIEZA MOREIRA

⁽³⁾ Face ao invulgar valor arqueológico e epigráfico deste monumento, apresentamos sobre ele, em colaboração com José d'Encarnação, uma comunicação ao Congreso Peninsular de História Antigua (Santiago de Compostela, Julho de 1986). Aí procuramos fazer mais amplos comentários, que se prendem com a finalidade, a decoração e a interpretação desta epígrafe.



Foto 81

ESTELA FUNERÁRIA DE CASTRO VERDE

Foto 82

Estela funerária em xisto castanho acinzentado (Munsell 2.5y5/2) identificada, em 1983, no Monte das Almoleias (ou Almoleiras) de Cima, freguesia de Casével, concelho de Castro Verde. Encontra-se guardada em Évora, na sede do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul⁽¹⁾. Tinha o topo superior levemente arredondado (hoje partido) e os bordos laterais são paralelos.

O campo epigráfico, bem colocado na metade superior da estela, foi limitado lateral e superiormente por duas ranhuras paralelas e dividido, no sentido vertical, em três registos iguais por meio de três pares de linhas auxiliares duplas.

Dimensões: $79 \times 42 \times 5$.

Campo epigráfico: $28,3 \times 36,5$.

. L(*ucius*) . SAGAIVS / MAXVMI . F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) .
E(*st*) . S(*it*) . T(*ibi*) . T(*erra*) . L(*evis*)

Aqui jaz Lúcio Sagaio, filho de Máximo. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 5,7/6,3; l. 2: 5,7/6,4; l. 3: 6,4. Distância interior entre as linhas de pauta, em cada linha: 7,9; largura de cada par de linhas de pauta: 0,7.

⁽¹⁾ Agradecemos ao Dr. Caetano de Melo Beirão, director do Serviço, a possibilidade de estudar o monumento, assim como todas as informações que nos deu. É do Serviço a fotografia que apresentamos.

Paginação com alinhamento à esquerda (tem essa finalidade o ponto inicial) e à direita. Pontos redondos, correctamente utilizados.

Caracteres actuários, inclinados para diante (S quase cursivo), para trás (A, M, X, V) ou sensivelmente perpendiculares; G feito a partir do C, com uma breve haste oblíqua; nexos MA como é habitual; S desenhado de uma só vez. Gravadas em bisel, as letras têm sulcos profundos mas de espessura desigual, devido à natureza xistosa do suporte, que não permite a desejável regularidade.

O defunto não apresenta *cognomen*, o que, juntamente com o facto de o pai ser conhecido através de um cognome latino, *Maxumus*, nos permite datar o monumento da primeira metade do séc. I. *Sagaius* deverá aproximar-se de *Segeius*, antropónimo presumivelmente característico da área celtibérica peninsular⁽²⁾.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁽²⁾ ALBERTOS (M.^a de Lourdes), *La onomastica primitiva de Hispania*, Salamanca, 1966, 201. Fizemos desenvolvido comentário histórico a este monumento na comunicação «Sagaius — um novo gentilício romano documentado em Casével (Castro Verde)» apresentada, a 17 de Janeiro de 1986, ao I Encontro de Arqueologia da Região de Beja.

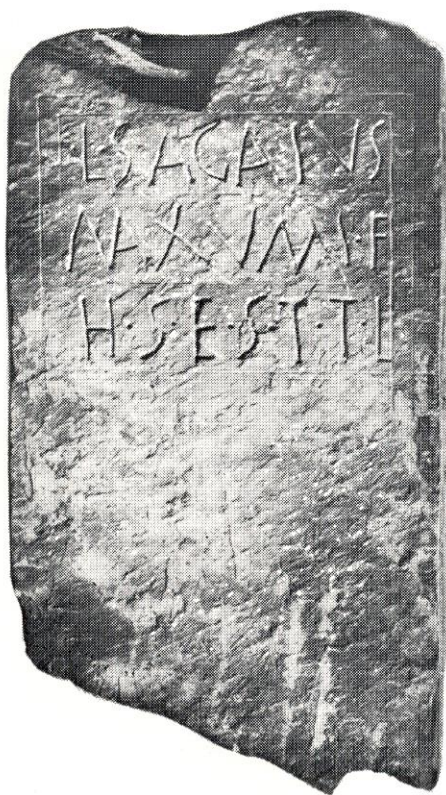


ФОТО 82

INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE CASÉVEL (CASTRO VERDE)

Foto 83

Encontra-se guardada na sede da Associação para a Defesa do Património Cultural de Castro Verde «Castrum Castroium», uma lápide funerária romana, encontrada em 1980 no Monte das Ramas, freguesia de Casével, no limite do concelho de Castro Verde com o de Ourique; o seu achador, o sr. António Terlica Domingos, disse-nos que esta lápide tinha aparecido quando, naquele ano, procediam, com tractor, a lavras profundas na referida propriedade.

Trata-se de uma lápide de grauvaque cinzento claro, de forma irregular, sub-trapezoidal.

O campo epigráfico situa-se na parte superior da face anterior do suporte e foi delimitado por desbaste, picagem, formando uma faixa horizontal a toda a largura da lápide.

Dimensões: $69 \times 53 \times 6/8$.

Campo epigráfico: 15×42 ; 0,5 de profundidade.

L(ucii) . CORNELI(i) / MITVLI

Altura das letras: 5,5. Espaço interlinear 2: 2/2,4.

A inscrição está alinhada à direita; o ponto de separação, na l. 1, é um pequeno triângulo equilátero (0,5 de lado); as letras foram gravadas em duplo bisel.

A redacção, em genitivo, deste nome claramente romano, e a ausência de outras referências (religiosas, onomásticas, biográficas e funerárias) permitem datar esta inscrição de meados do

séc. I a.C. (cf. R. CAGNAT, *Cours d'épigraphie latine*, 4ème éd., Paris, 1914, p. 280, com vários exemplos; J. E. SANDYS, *Latin epigraphy*, London, 1927, p. 60, e fig. 17, esta uma inscrição pouco posterior a 69 a.C., em que aparece também o *punctum* em triângulo equilátero; I. Calabi LIMENTANI, *Epigrafia latina*, Milano, 1968, p. 200).

Quanto ao cognome, *Mitulus*, ao que parece só se conhece um outro exemplo, em Puteoli (cf. I. KAJANTO, *The latin cognomina*, Helsinki, 1965, p. 333; *CIL*, X, 2300: *Dis.Man(ibus) | Clodiae. Apates | M(arcus) . Iulius. Mitulus | coniugi. bene. meritae*), muito mais tardio. *Mitulus*, substantivo comum, do grego *mitylos*, significa «mexilhão».

À data, numa área onde seria bem conhecido o nome de *L. Cornelius Balbus*, de Gades, note-se que também este 'desconhecido' do sul da *Ulterior* usava o *praenomen* e o gentílico do ditador Sila.

MARIA MANUELA ALVES DIAS



Foto 83

INSCRIÇÃO VOTIVA DE VILA VERDE DE FICALHO, SERPA

Foto 84

No decurso dos trabalhos arqueológicos realizados em Agosto de 1985, na Horta de Cima, junto à igreja de S. Jorge, em Vila Verde de Ficalho, Serpa, apareceu, reaproveitado como material de construção, um pedestal votivo, em forma de ara, de mármore branco de grão médio.

Moldurada, superior e inferiormente, esta base é encimada por um plinto que apresenta um rebaixo rectangular e quatro cavidades circulares, no topo, que deviam ter servido de encaixe a uma aplicação de metal, talvez mesmo à imagem da divindade. O monumento está ligeiramente danificado, o que afecta, do lado direito, a face epigrafada; presentemente, guarda-se na Biblioteca-Museu de Vila Verde de Ficalho.

Dimensões: $49 \times 30 \times 18$.

Campo epigráfico: $18,5 \times 22$.

DEAE / SANCT[A]E / PIA[E] . SEVERV[S] / EX (*hedera*)
VOTO / ⁵ ANI(*mo*) . LIB(*ens*) . POS(*uit*)

Altura das letras: l. 1 e 2: 2,5; l. 3: 2,3; l. 4: 2,5/2; l. 5: 2,3/2.
Espaços interlineares: 0,7/1.

O texto está alinhado à esquerda e a paginação põe em evidência a primeira, segunda e quarta linhas. Paleograficamente, as letras inscrevem-se num módulo rectangular e, nos casos dos AA e NN, nota-se um acentuado trespasse da haste descendente;

no traçado dos LL e EE é também visível a tendência para a obliquação da barra horizontal inferior; a gravação das letras é em bisel fino, apresentando os traços horizontais menor profundidade; a barra horizontal dos AA, obliquada para a direita, não passa de um leve risco; além da *hedera*, o texto apresenta ainda *puncta*, em forma de pequenas cavidades circulares, correctamente distribuídos.

A redacção *Sancte* (= *Sanctae*) pode ser entendida como uma característica epocal (cfr. A. CARNOY, *Le latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Bruxelles, 1906, p. 18-20, e C. H. GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*, trad. da ed. ingl. Madrid, 1970, p. 142); na l. 3, considerou-se *Pia* (= *Piae*), com 'aparente' falta de concorância casual, tendo este epíteto da divindade paralelo na inscrição a *Caelesti Pia(e) Augustae*, de Itálica (*HAEpigr.* n.º 356 e A. GARCÍA Y BELLIDO, *Les religions orientales dans l'Espagne romaine*, Leiden, 1967, p. 143), em prejuízo de *Pia*, em nominativo, entendida como nome de dedicante que, como nome único de mulher, parece nunca ter sido utilizado na Hispânia, aparecendo sempre como segundo nome (cf. *CIL*, II, *HAEpigr.*, *ILER*) e porque, mesmo admitindo a hipótese de *Pia*, nome feminino único, associado a *Severus*, também um nome masculino único, no caso representando uma dupla de dedicantes (*Pia et Severus*), não parece de todo viável, dada a omissão de *et*, facto que, nestas circunstâncias, não é conhecido na epigrafia votiva romana do sul da Península Ibérica.

O paralelo mais próximo para este monumento, e para esta divindade, será a inscrição de Mértola («Ficheiro Epigráfico», 1, Coimbra, 1982, p. 3-5, n.º 1), dedicada por *C. Val. Rufus Caepio*.

Esta inscrição de Ficalho é atribuível ao primeiro quartel do séc. III.

MARIA MANUELA ALVES DIAS
ANTÓNIO M. MONGE SOARES

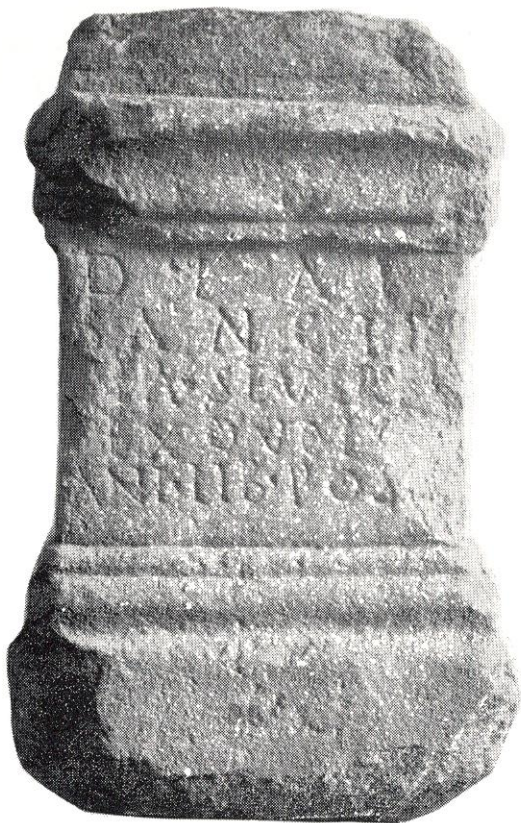


Foto 84